

O ENSINO DA DISCIPLINA DE TELEJORNALISMO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: UMA EXPERIÊNCIA NA UFMA ¹

Iago Victor da Silva Leite

Graduando em Jornalismo pelo IESB-DF. Integrante do Grupo de pesquisa GCiber-MA, e-mail: iago.victor@hotmail.com

Marcelli Alves

Professora associada da UFMA. Doutora em Jornalismo. Vice-coordenadora do Grupo de pesquisa GCiber-MA. E-mail: marcelli.alves@ufma.br

RESUMO

Este artigo discute como a disciplina de caráter essencial prático, Laboratório de Telejornalismo, foi ministrada durante a pandemia da Covid-19, e consequentemente, as aulas remotas, no curso de Jornalismo da UFMA. Como metodologia, foi considerada o relato de experiência e entrevistas semi-estruturadas, feitas com alunos que viveram essa experiência. Após a conclusão do mesmo, percebe-se que com a ajuda das novas tecnologias digitais e ferramentas de videoconferências foi possível fazer com que os alunos fizessem a disciplina tendo uma noção básica de como a mesma seria ministrada na prática.

PALAVRAS-CHAVE: Laboratório de Telejornalismo; Aulas remotas; Pandemia; Ensino

Introdução

No ano de 2020, o mundo foi afetado com a pandemia da Covid-19. Com isso, novos modelos de mercado surgiram e junto com eles grandes desafios. Na educação não foi diferente. Por conta da rápida expansão do vírus, as aulas presenciais foram canceladas e a alternativa criada foi a sala de aula virtual. Com aula síncronas e assíncronas, com a ajuda da ferramenta do google (Classrom e google meet) professores e alunos se viram diante de uma nova realidade. As disciplinas laboratoriais foram as mais afetadas. Neste artigo, aborda-se sobre a disciplina de Laboratório de telejornalismo. Disciplina de cento e vinte horas (8 horas por semana) de caráter essencial prático que, de praxe, no final desta os alunos devem produzir um telejornal laboratório. Como metodologia foi considerado o relato de experiência e entrevistas semi-estruturadas feitas com alunos que

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024.

viveram essa experiência no segundo semestre do ano de 2020, no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão - UFMA.

Metodologia

De acordo com Ludke; Cruz (2010), o relato de experiência não é, necessariamente o relato de uma pesquisa acadêmica, contudo trata-se de explanação de experiências vividas que podem ser de diversos universos que vão do ensino, projetos de extensão, entre outros. É fato que o conhecimento está relacionado, também, e entre outros, a experiências socioculturais. Neste sentido, optou-se pela metodologia deste material o relato de experiência de uma professora de disciplina prática, Laboratório de Telejornalismo, durante o ensino cem por cento remoto em função da pandemia da Covid-19, junto com um aluno pesquisador, integrante do grupo de pesquisa GCIBER-UFMA. O período analisado é o relatado no calendário acadêmico da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, no segundo semestre de 2020. A disciplina ministrada foi Laboratório de Telejornalismo, que teve, neste período 12 alunos matriculados. A forma de coleta das informações são o diário de bordo, além das entrevistas semiestruturadas. Esta última, foi realizada com os alunos que participaram desta experiência. Dos 12 alunos, foram selecionados 5. O critério para a escolha foi: disponibilidade de participação. Os alunos selecionados serão aqui tratados como números, que vão de 1 a 5.

Autores como Triviños (1987) e Manzini (1990/1991) têm destinados estudos em busca de caracterizar a entrevista semiestruturada. De acordo com o primeiro, esse tipo de entrevista leva em consideração questionamentos básicos que partem de premissas relacionadas ao tema a ser estudado. De acordo com ele, esse tipo de entrevista “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Referencial Teórico

Vizeu e Cerqueira (2016) são categóricos quando afirmam que os telejornais são os principais meios de informação da população brasileira e se transformam em praça pública. Para os autores, representam a realidade dos brasileiros e contribuem para a construção da identidade. No entanto, para a construção deste, no dia a dia, a rotina é exaustiva. Becker (2005) explica que mesmo com os avanços tecnológicos, o profissional

do telejornalismo tende a uma rotina presencial seguindo a lógica de produção de ir a campo para produzir uma telerreportagem.

É fato que o processo produtivo do telejornalismo segue uma lógica que é diferente de outros meios e entender como isso ocorre exige, acima de tudo, estudo. Pena (2010, p 71) diz que na TV, sob o império da visualização, organizada pelo tempo e não no espaço, a notícia televisiva sofre mais com efeitos da velocidade e o repórter sofre muita pressão. O “furo” não espera a edição do dia seguinte.

Análise

As aulas foram ministradas de forma cem por cento síncronas, eram 3 horas de aula às quartas-feiras e 5 horas às quintas, totalizando o tempo necessário que contempla uma disciplina de 120 horas semestral. Toda a parte prática, de gravação, os alunos desenvolveram por meio da utilização de dispositivos móveis. Como prática da disciplina, foi ensinado todo o ciclo que a produção da notícia televisiva precisa passar. Primeiro, foi ensinado a fazer pauta. Com a possibilidade de compartilhamento de tela, proporcionada pelo *Google meet*, isso ficou bem interessante. Todos podiam dividir sua produção e acompanhar a correção feita em conjunto. Um fato que ficou em evidência é que muitos alunos tinham apenas o celular e alguns precisavam fazer a sua pauta com o uso do bloco de notas, pois não tinham acesso ao word. Em casos raros, o aluno fez em cadernos escrito à mão. Nestas duas situações, a orientação foi para que o mesmo enviasse o arquivo em bloco de notas para o e-mail da professora ou tirasse uma foto do caderno escrito à mão, e a professora compartilhava para que todos fossem contemplados.

Foi difícil pois às vezes a internet falhava, caía a conexão, mas esperávamos um pouco e conectávamos de novo. A professora criou um grupo de whatsapp com o número de todos da sala, inclusive o dela, e cada vez que tínhamos problema desse tipo chamávamos no grupo e então a professora buscava a melhor alternativa. Perdemos muito tempo por conta disso, pois a professora sempre tentava esperar resolver o problema de todos para então recomençar a aula. Tivemos algumas situações que isso não foi possível e nesse caso o compartilhamento da aula gravada posterior a mesma foi uma das alternativas que foi utilizada. (informação oral, aluno 1, 2020)

Depois da produção da pauta foi necessário a execução da mesma. Transformá-la em telerreportagem. Para isso, precisava-se da gravação, das imagens. Estas foram feitas

cem por cento via dispositivo móvel dos próprios estudantes. Umas com qualidade superior, outras nem tanto. Portanto, a qualidade (no sentido técnico do aparelho) não foi levada em consideração na avaliação final.

A professora cobrou bastante a questão do enquadramento, mas as linhas de resolução não. Alguns alunos têm celular que tem imagens muito boas, outro não. Então, ela explicava que não era para a gente levar em consideração isso, nem ficar triste, era para focar no conteúdo, no aprendizado. (Informação oral, aluno 2, 2020)

Então, cada um executou uma pauta. Lembrando que as mesas foram trocadas entre eles, ou seja, ninguém executou sua própria pauta, assim como ocorre em uma redação de telejornal. Ao todo 12 telerreportagens foram produzidas. Isso foi feito de forma diferente das demais vezes que a disciplina foi ofertada. Ou seja, as entrevistas foram feitas todas por meio dos dispositivos móveis com auxílio do *googe meet*.

Um item importante a se destacar é que cada aluno teve aula sobre enquadramento, imagens de cobertura entre outros (como ocorre nas aulas presenciais). No entanto, coube a cada um deles tentar direcionar o entrevistado para o que mesmo providenciasse as suas próprias imagens. São as chamadas imagens de cobertura. Isso, via de regra, é feito integralmente pelo técnico, que denominamos de repórter cinematográfico. No entanto, com as disciplinas remotas e o distanciamento social, o técnico da disciplina não participou desta etapa. O mais interessante foi o engajamento das pessoas (entrevistas) que gentilmente providenciaram.

Nesta etapa, a professora ministrou aula com o técnico que ensinou muita coisa técnica, nomenclaturas, deu exemplo, foi muito bom. Mas quando eu fui falar com o entrevistado apenas falei pra ele sempre gravar na horizontal e tentar não tremer. Para isso, o técnico explicou que era melhor não fazer imagens em movimento, pois elas demandam mais habilidade. (Informação oral, aluno 3, 2020)

Nós tivemos aula tanto com a professora quanto com o técnico da disciplina. Foi muito bom ter aula com ele também. Mas eu pedi para o meu entrevistado fazer as imagens que eu precisava sempre na horizontal e com pouco movimento. Ele fez ao contrário. Gravou tudo na vertical. Fiquei triste, pedi para ele refazer mas não tive resposta. A professora aceitou, e disse que serviria de exemplo que como fica. (Informação oral, aluno 4, 2020)

Posterior a essa fase, cada aluno, em sala de aula síncrona, construiu o seu Script de sua telerreportagem. Foram designadas 5 aulas para esse fim (duas de 3 horas e 3 de

cinco horas), cada correção foi individual, porém, todos participavam para entender a lógica da construção. Os erros, acertos e o motivo dos mesmos. Depois dessa etapa, o esqueleto, com as imagens e entrevistas captadas por eles e pelos entrevistados, o off gravado no próprio celular e a passagem foram compartilhadas por meio de pasta do *google* e editadas pelo técnico. Para esta etapa, foi disponibilizado uma hora aula a cada estudante, para que o mesmo fizesse a edição do texto com o técnico da disciplina. O mesmo, junto com a professora, compartilhava a tela, e fazia com o aluno que gravou a telerreportagem a construção do esqueleto. Desta forma, buscou-se garantir a noção que o editor de texto tem quando acompanha o técnico na ilha de edição.

Após todos os alunos conseguirem produzir integralmente os materiais, passando pela experiência da pauta, a telerreportagem e a edição de texto, passou-se para a outra etapa. A execução dos scripts das cabeças e espelhos. Para isso, a turma foi dividida em três grupos de 4 pessoas. Cada um ficou com 3 telerreportagens para produzir o seu telejornal. Dentre eles, cada grupo escolheu o apresentador, aquele que faria a entrevista de bancada e outro para o quadro que criamos chamado agenda estudantil.

Foi uma experiência muito legal. Cada um gravou em sua casa. A professora deu dica, mostrou vídeos de como fazer e todo mundo conseguiu. Eu fui o apresentador, fiz na sala de casa, o meu colega que escolheu fazer a agenda escolar, gravou em pé e o que ficou com entrevista, fez pelo *google meet* mas pediu para o irmão gravar ele sentado a escrivinha olhando o entrevistado na tela do computador. (Informação verbal, aluno 5, 2020)

O que chamamos de entrevista de bancada, contemplava uma entrevista de até três minutos, como se fosse feita por um dos apresentadores, no entanto, em casa e via *google meet*. Já a agenda escolar foi um quadro, com vinheta própria, que trazia assuntos relacionados ao público estudantil para os próximos meses. Neste foram contemplados, desde período de matrícula a congressos.

Como apenas três telerreportagens é considerada pouca para um telejornal, os alunos foram instruídos a criarem 4 notas peladas, duas notas cobertas (essas podiam usar imagens da internet para cobrir). Por fim, novamente o material foi compartilhado com o técnico da disciplina que providenciou a edição final dos materiais. Para finalizar, junto com os produtos finais, cada grupo (composto de três pessoas) precisou entregar o Script

e Espelho do seu referido telejornal, assim como as pautas de cada telerreportagem que foi contemplada em seu material.

Considerações finais

A pandemia da Covid-19 trouxe vários desafios. Um deles, foi conseguir fazer com que os alunos fizessem disciplinas práticas de forma plena. Este material fez um relato de experiência seguido de entrevistas semi-estruturadas da disciplina de laboratório de telejornalismo, ministrada na Universidade Federal do Maranhão, no ano de 2020. A mesma foi ministrada de forma 100% online.

Após a conclusão do mesmo percebe-se que com a ajuda das novas tecnologias digitais e ferramentas de videoconferências foi possível fazer com que os alunos fizessem a disciplina tendo uma noção básica de como a mesma seria ministrada na prática.

REFERÊNCIAS

- BRETON, H.; ALVES, C. A. **A narração da experiência vivida face ao “problema difícil” da experiência: entre memória passiva e historicidade.** Revista Práxis Educacional, Vitória da Conquista, v.17, n. 44, p. 1-14, jan./mar., 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8013/5526>. Acesso em: 01 jul.
- BECKER, Beatriz. **A Linguagem do Telejornal: um estudo da cobertura dos 500 anos do Descobrimento do Brasil.** Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais. 2005
- LÜDKE, M.; CRUZ, G. B. DA. **Contribuições ao debate sobre a pesquisa do professor da Acesso em: educação básica. Formação Docente** – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores, v. 2, n. 3, p. 86-107, 18 dez. 2010. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/20/18>. Acesso em 01 de jul. 2022.
- MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social.** Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.
- PENA, Felipe. **Teorias do jornalismo.** São Paulo: Contexto, 2010.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.
- VIZEU, Alfredo; CERQUEIRA, Laerte. **Telejornalismo: efeitos para o bem e para o mal.** IN: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo – SP. de 05 a 09/09/2016. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2925-1.pdf> Acesso em: 22 dez. 2023.